

José Roberto Santos Neves

1. CAETANO VELOSO - “OS AMERICANOS ENFIM SE RENDERAM AO TROPICALISMO” (23/08/1999)

“Eu trabalho nessa profissão há mais de 30 anos e nunca dei importância a números de discos vendidos. Por que, então, passaria a dar agora? Reconheço o valor de vender um milhão de discos, mas essa marca não representa um desejo para mim.”

Todo bom repórter é, por excelência e vocação, um chato. Não há exceções. Repórter que se preza acredita na possibilidade de uma entrevista até o apito final do juiz - no caso, a hora de a edição ir para a gráfica. Em alguns casos, vale pedir uma prorrogação - qual editor não gostaria de contar com algumas "aspas" de Caetano Veloso ou Gilberto Gil, mesmo que obtidas minutos após o horário de fechamento?

O jogo de sedução que antecede uma entrevista permite o uso de diversos recursos, inclusive o de adular a fonte. Caetano Veloso, por exemplo, só concordou em me conceder uma entrevista exclusiva, em função da passagem da turnê *Prenda minha* por Vitória, em 1999, no Ginásio do Álvares Cabral, depois de ter acesso a uma matéria de capa do Caderno Dois, de minha autoria, cujo título era "Como querer Caetanear".

Inicialmente, Caetano não daria entrevista. Sua assessoria de imprensa sequer viera a Vitória. Ele tinha acabado de chegar de uma elogiada turnê pelos Estados Unidos e não parecia estar a fim de papo. Diante da negativa de sua produtora em levar-me ao cantor, resolvi dar uma última cartada: mostrei a ela um exemplar do jornal com a matéria sobre o show – que chamava a atenção para o fato de que Caetano não vinha há 17 anos ao Estado – e pedi a ela para lhe entregar. Poucos minutos depois, Beni (esse era o nome dela) me trouxe a resposta que eu tanto esperava:

"O Caetano vai dar entrevista, sim, mas só para o seu jornal", disse-me sua produtora, pedindo que eu e a fotógrafa Helô Sant'Ana ficássemos na área restrita aos músicos no final do show. "Yes!", gritei, saltitante, como quem canta vitória antes da hora.

Como Caetano não ficaria muito tempo no camarim após o show, tínhamos de ser rápidos. O espetáculo *Prenda minha* foi tecnicamente correto, apesar da frieza. Era o auge da balada *Sozinho*, de Peninha, e o cantor acabara de atingir pela primeira vez a marca de um milhão de discos vendidos. Saudoso do Caetano cabeludão dos tempos da *Tropicália*, o público ansiava por ouvir *greatest hits como Alegria, alegria, Outras palavras, Você é linda, Trilhos urbanos* e mais uma dezena de sucessos construídos pelo baiano em suas quatro décadas de carreira.

Terminado o show, dirijo-me aos bastidores e, para minha surpresa, sou barrado por um grupo de seguranças. A cena é a mesma do início do filme *“Almost famous”* (*Quase famosos*, EUA, 2001).

Aliás, driblar seguranças mal-preparados é mais uma das tarefas do repórter. Como isto nem sempre é possível na base do futebol-arte, em alguns casos é necessário partir para o ataque, na garra. Por sorte, no caso do Caetano, sua produtora nos viu travando uma batalha verbal com os seguranças e autorizou, enfim, nossa subida ao *backstage*.

Na porta do camarim, depois de deixar a fila de fãs para trás, enfim nos deparamos com a estrela da noite, acompanhado de sua então esposa Paula Lavigne. Enquanto esperávamos pela entrevista, rolava aquele friozinho "básico" na barriga. Essa ansiedade, aliás, é fundamental: por mais experiente que seja o repórter, ela sinaliza que, no fundo, não somos tão seguros assim como desejamos. E se Caetano fosse indelicado? Ou arrogante? Se me despachasse? E se eu falasse alguma incorreção sobre o Tropicalismo, logo perto de um dos mentores do movimento?

Essas inquietações se dissiparam no momento em que o cantor recebeu a equipe do jornal com surpreendente gentileza. Educado, respondeu a todas as questões com profissionalismo e em momento algum demonstrou a presunção com que costuma tratar a imprensa paulista e

José Roberto Santos Neves

carioca. É óbvio que se trata de relações diferentes. No eixo Rio-SP, personalidades como Caetano são figurinhas fáceis nos cadernos culturais. A proximidade geográfica faz com que o artista conheça pessoalmente os jornalistas e torne-se amigo - ou não - desses profissionais. Ok, talvez eu não tenha feito nenhuma pergunta mais agressiva a Caetano. Também não era esse o caso: ele tinha acabado de fazer um show excelente, havia dado uma trégua nas polêmicas e estava no caminho para conquistar, no ano seguinte, o *Grammy* de *World Music* pelo CD *Livro*.

A carapuça de “antipática” teve que ficar mesmo com Paula Lavigne: enquanto conversávamos com o cantor, ela apontava a todo o momento para o relógio, sinalizando que o tempo da entrevista havia acabado. Apesar da pressão, Caetano concluiu o diálogo com cordialidade e em seguida fez questão de abraçar um sobrinho de João Gilberto que mora no Espírito Santo. Confira a entrevista a seguir:

Você passou 17 anos sem se apresentar em Vitória. Por que tanto tempo ausente da cidade?

É curioso, porque eu sabia que não vinha já há algum tempo a Vitória, mas não tinha noção de que era tanto tempo assim. Foi uma surpresa para mim e para toda a equipe, um fato que nos atemos quando chegamos à cidade. Mas valeu a pena, porque o show foi muito bonito, a plateia estava muito simpática e receptiva.

Você se surpreende com a aceitação do Tropicalismo junto à crítica norte- americana?

Não, porque eu sabia que isso ia acontecer, mais cedo ou mais tarde. Os críticos e o público americano consideram o Tropicalismo muito instigante, mas esse reconhecimento ganhou impulso a partir do momento em que o David Byrne (ex-líder do *Talking Heads*) lançou uma coletânea chamada *Brazil collection*” pela sua gravadora, a *Luaka Bop*; depois, o mesmo selo lançou o Tom Zé, os Mutantes, o disco *Tropicália* e, a partir daí, senti que o Tropicalismo teria receptividade por lá. O Gil também tem um trabalho conhecido nos EUA, mas a diferença é que fui mais associado ao movimento, em termos estéticos.

Tanto que vários pop stars hoje se interessam pelo Tropicalismo, inclusive o Beck, que compôs uma música chamada *Tropicália*...

E foi por causa do Beck, inclusive, que as músicas *Maria Bethânia* e *Baby* entraram no show *Livro vivo*. Ele quis cantá-las comigo e elas acabaram ficando no repertório.

O que você achou da inclusão das categorias de pagode e axé music na premiação do Video Music Brasil, da MTV?

Achei excelente, porque é uma forma de se arrancar o preconceito que existe no Brasil em torno de determinados estilos musicais. Primeiro porque essa divisão de categorias já é meio maluca: quem pode dizer o que é e o que não é MPB? Se a MTV fosse especializada em música de alta qualidade, elitista, poderia até não veicular a axé e o pagode. Mas ela toca pop/rock, e o rock, quando nasceu, era considerado lixo. A gente escutava o jazz de Miles Davis e Chet Baker, uma porção de músicos virtuosos, enquanto Elvis era considerado brega. A base do rock sempre foi comercial, então, não faz sentido a MTV se recusar a exibir clipes de axé e pagode.

Como você se sente ao vender um milhão de cópias pela primeira vez?

Olha, eu trabalho nessa profissão há mais de 30 anos e nunca dei importância a números de discos vendidos. Por que, então, passaria a dar agora? Reconheço o valor de vender um milhão de discos, mas essa marca não representa um desejo para mim.

José Roberto Santos Neves

O sucesso de *Sozinho* desmistifica o abismo entre o *cult* e o popular, já que foi composta por Peninha, um compositor tachado de brega pela crítica?

Mas eu já faço isso há muito tempo. Gravei *Três caravelas* (versão de Braguinha para *Las tres carabelas*”, de A. Algueiró Jr. e G. Moreau) e *Coração materno* (sucesso de Vicente Celestino), já gravei Peninha em 1982 (a música *Sonhos*, do disco *Cores, nomes*), gravei *Yes, nós temos bananas*; a Bethânia também gravou um disco só com canções sentimentais de Roberto Carlos, tidas como popularescas. Mas é importante observar que não é qualquer um que está cantando, é a Maria Bethânia. A leitura de uma música vai depender sempre do seu intérprete.

- ✓ *Entrevista publicada no livro “A MPB de Conversa em Conversa” de José Roberto Santos Neves.*

2. GILBERTO GIL – CAMINHANDO JUNTOS (26/10/2000 E 28/03/2001)

“A atividade é necessária para a manutenção da energia, do empenho, do gosto de viver. Não tenho razões para adotar a inatividade como situação básica da minha vida. Pelo contrário, adoto a atividade porque me dá uma sensação mais clara de pulsação, de vida, de saúde, de juventude. Estou repousado no movimento.”

A antena parabólica de Gilberto Gil é tão aguçada que, no meio jornalístico, costuma-se dizer que durante as entrevistas o baiano tem o hábito de ir às estrelas e voltar à Terra apenas para exemplificar uma opinião. Comigo não foi diferente.

Nas três oportunidades em que conversei com Gil, ele demonstrou ser inteligentíssimo, dono de raciocínio rápido e dotado de uma sede de vida espantosa.

No entanto, minha primeira possibilidade de entrevistá-lo terminou em uma grande frustração a qual lamento até hoje.

Em 1999, a gravadora Universal reuniu 13 discos gravados pelo cantor entre 1966 e 1977 na caixa *Ensaio geral* e, para capitalizar o lançamento, decidiu convidar jornalistas de todo o país para participar de uma coletiva com Gil no Rio de Janeiro. Obviamente, fiquei excitado com a chance de figurar no evento. Só que o então diretor de redação de A Gazeta havia acabado de baixar uma norma impedindo repórteres e editores de viajarem a convite de empresas públicas e particulares. Sob o ponto de vista ético, a decisão era absolutamente correta, afinal, tais facilidades oferecidas pelas gravadoras aos jornalistas - como passagens aéreas, hospedagens, traslados e alimentação – têm o claro objetivo de influenciá-los a incensar a pauta sugerida pela fonte, interferindo assim em uma regra básica do jornalismo – a isenção.

Porém, nestes casos, o correto seria a empresa arcar com os custos de viagem do repórter para não perder a pauta de vista. E não foi isso que A Gazeta fez. Ironicamente, diante da recusa da redação, os mesmos agrados foram oferecidos ao jornal concorrente, que abocanhou a pauta, provocando em mim uma sensação de angústia diante da impossibilidade de impedir o furo que se anunciava.

Depois desse episódio, entrevistei Gil em outubro de 2000, por telefone, durante as ações promocionais do CD *Gil & Milton*, gravado em parceria com Milton Nascimento.

Mas o melhor da festa viria em março do ano seguinte, quando a dupla trouxe o show do disco a Vitória e pude fazer duas entrevistas com o cantor: a primeira, por telefone, numa tarde de domingo, que virou capa do Caderno Dois; e a segunda, numa “coletiva” para três jornalistas em um hotel da Praia da Costa, um dia antes do espetáculo, com Gil de bermuda e chinelo, e Milton exibindo um sorriso de orelha a orelha, claramente embevecido por desfrutar da

José Roberto Santos Neves

companhia do colega em uma turnê que percorreu o Brasil. Por esse motivo, o diálogo a seguir traz várias citações à parceria desses dois mestres da canção brasileira.

Como tem sido dividir o palco com Milton?

Tem sido muito bom e divertido. Milton é um artista musicalmente muito denso, consistente e sólido. Ele canta e toca muito bem, compõe maravilhosamente, tem canções extraordinárias, refinamento e bom-gosto, além de uma sensibilidade e aproximação muito grande com a música latino-americana e conhecimento profundo de jazz e dos clássicos da música pop americana. Tudo isso faz dele um artista extraordinário. Apesar de tímido e até certo ponto recolhido, o Milton é muito bem-humorado. Ele gosta de sempre usar uma história para ilustrar uma opinião. Eu sou diferente. Sou conceitualista. Gosto de dar opiniões com observação de valores.

A referência à saga nordestina está presente em quase todo o CD?

Sim, tanto que gravamos *Baião na garoa*, de Gonzagão. Eu e Milton éramos crianças nessa época áurea da música brasileira, em que Luiz Gonzaga brilhava como o Rei do Baião e difundia os ritmos nordestinos por todo o Brasil. O mundo sertanejo sempre esteve presente na nossa vida e tinha que aparecer no disco.

O CD *Gil & Milton* tem uma produção mais limpa do que a de seus discos de estúdio e ao vivo, que são mais calorosos ritmicamente. Esta tranquilidade foi uma decisão de conjunto ou partiu do Milton?

A indicação do Guto Graça Mello pelo Milton para a produção do CD foi absolutamente acatada por mim. Ele é um produtor por quem tenho muita estima e respeito. Evidentemente o Milton se baseou na experiência anterior do *Crooner* (produzido por Guto Graça Mello), que foi bem-sucedida e essa atmosfera da relação entre os dois passou para o nosso disco. Achei que era o caminho natural. Apenas me coloquei com cuidado para que isso não se tornasse um aspecto negativo no CD. A suavidade, densidade harmônica e a presença predominante de orquestras são características do trabalho de Milton. Eu queria que o disco tivesse mais a predominância do traço dele do que do meu. Eu sei que foi uma coisa arbitrária da minha parte, mas sou coparticipante do disco e tenho o direito de me colocar da forma que quiser. Enfim, eu queria que o CD ficasse mais parecido com ele do que comigo.

Fala-se muito em uma união do Tropicalismo e do Clube da Esquina. Na sua opinião, por que o Clube da Esquina ainda não recebeu a devida importância enquanto movimento musical por parte da imprensa, da mesma forma que o Tropicalismo?

Não vejo nada disso, não. O disco e o show são Gil e Milton com suas qualidades pessoais. Agora, uma das dimensões naturais do Tropicalismo era fazer barulho, causar polêmica, discutir as coisas. O Tropicalismo falava em voz alta e o Clube da Esquina sempre falou em voz baixa. A turma do Clube nunca foi muito prolixa em relação a discutir sua própria qualidade. O Tropicalismo tinha um discurso político; já o Clube era um movimento musical e pronto.

Qual foi o papel de Elis Regina na apresentação entre vocês?

Elis foi fundamental. O primeiro encontro que tive com Milton foi na casa dela, por volta de 1966. Ele estava mostrando canções para o disco que ela estava fazendo. Naquela semana, ela me ligou e me convidou para conhecer o Milton. Ficamos cinco horas na casa dela e disse a ela que deveria gravar *A canção do sal*. Essa música me encanta até hoje e não é à toa que está nesse disco – foi uma exigência minha. A partir dali Elis se tornou amiga de ambos e foi a cantora que mais gravou músicas minhas e dele.

José Roberto Santos Neves

Você está perto dos 60 com uma vitalidade impressionante... (NE: na época dessa entrevista, Gil estava com 58 anos).

A atividade é necessária para a manutenção da energia, do empenho, do gosto de viver. Não tenho razões para adotar a inatividade como situação básica da minha vida. Pelo contrário, adoto a atividade porque me dá uma sensação mais clara de pulsação, de vida, de saúde, de juventude. Estou repousado no movimento. Se ficar fatigante e incômodo, diminuo o ritmo.

Por que incluíram as vinhetas de *Palco* e *Ponta de areia* no CD?

Palco foi escolhida pelo Milton. É minha canção talismã, como se fosse um crucifixo no pescoço, meu amuleto, uma canção que me protege, que representa todas as outras. Ela fala da escolha desse ofício de cantar e de ser um sacerdote da música. De minha parte, escolhi *Ponta de areia* porque simboliza a estrada natural Bahia-Minas. A letra diz tudo.

- ✓ *Entrevista publicada no livro “A MPB de Conversa em Conversa” de José Roberto Santos Neves.*

3 - MILTON NASCIMENTO - A TRAVESSIA CONTINUA (26/10/2000 E 29/03/2001)

“Fiquei muito triste com o que fizeram comigo. A imprensa colocou médicos que sequer me conheciam para falar exatamente o contrário do que os meus médicos diziam. Depois de tudo o que aconteceu, acredito que a própria imprensa sentiu o peso da vergonha.”

Todo compromisso profissional provoca certo grau de ansiedade, mas entrevistar uma lenda viva da música brasileira libera uma dose extra de adrenalina no organismo. Foi assim que me senti nas três ocasiões em que conversei com Milton Nascimento. O curioso é que o Milton de fato ostenta – até mesmo para quem está próximo dele – uma imagem de austeridade, de quem é exigente em tudo o que faz e vive em busca da perfeição.

Some-se a isso sua histórica timidez, que faz com que as pessoas se sintam inseguras diante dele e, talvez por isso, o respeitem com mais formalidade do que o necessário. Foi o que aconteceu em 1999, no Copacabana Palace, na coletiva de lançamento da caixa *Uma travessia musical*, da *Reader's Digest*, reunindo cinco CDs e 70 gravações representativas do cantor.

Logo no começo da enquete, um repórter o provocou ao afirmar que o seu semblante denunciava o desconforto diante da sabatina a que estava sendo submetido: “Mas eu não estou nervoso, não”, rebateu Milton. “Estou me sentindo à vontade com vocês”.

José Roberto Santos Neves

Aos poucos, nosso entrevistado foi se soltando e revelando aspectos menos conhecidos de sua carreira, a exemplo de sua experiência como radialista, na década de 80. Milton foi repórter do programa *Catavento*, veiculado no interior de Minas. Sua primeira pauta era entrevistar Gonzaguinha. Tremeu. “Eu torcia para que o carro não chegasse no estúdio nunca. Mas no final deu tudo certo. Para cada pergunta minha, tinha meia hora de resposta.”

Minhas segunda e terceira entrevistas com ele aconteceram na esteira do lançamento do CD *Gil & Milton*, em outubro de 2000, cuja turnê passou por Vitória em março do ano seguinte. Ali, Milton dava mostras de estar impregnado pela atmosfera radiante do colega baiano.

Bem-humorado, falou mais do que o habitual, durante meia hora, sempre ilustrando seus pensamentos por meio de historietas que, reconheço, acabam soando gozadas, seja pelo seu jeitão mineiro de contá-las ou pela forma atrapalhada como tropeça nas palavras.

Milton mostrou-se amável e brincalhão durante todo o diálogo e só endureceu o tom de voz no desabafo contra a imprensa, que, cinco anos antes, durante o agravamento do seu quadro de diabetes, publicara uma série de boatos sobre o seu estado de saúde, chegando várias vezes a noticiar a sua morte.

Como tem sido dividir o palco com Gil desde novembro do ano passado?

Tem sido tão bom, alegre e emocionante e a gente está se curtindo tanto que, se soubesse que seria assim, a gente teria começado a carreira juntos. Além da gente, temos uma banda por trás, na qual todos são arranjadores e dão palpites no palco. São músicos da minha banda e da de Gil, incluindo duas baterias, dois teclados, duas percussões, um sopro, baixo e guitarra. É muito bonito.

Gil disse que você é bem-humorado, além de excelente amigo e profissional. Que característica dele você destacaria?

Esse negócio do Gil falar muito... a gente só ri dele. No dia seguinte ao *Programa do Jô*, por exemplo, todo mundo deu risada. Ele é um tremendo colega e, além da música, ele também cuida de mim. Parece até que sou filho dele.

O Gil afirmou que, durante esse trabalho, permitiu que a música dele ficasse mais impregnada da sua. Em quais sentidos a música de Gilberto Gil completa a música de Milton Nascimento?

Eu acho que houve uma troca, porque a minha música também ficou bem impregnada das coisas dele. Cada um tem o seu tipo. Foi uma união tão bonita que tudo ficou cheio de nós: as próprias músicas, letras... foi um casamento perfeito, com bastante harmonia. A gravação do CD foi tão feliz que parecia que a gente estava de férias, deu prazer de ser feito. O show tem mais de duas horas porque não teve jeito de fazer menor. Todos os dois têm uma bagagem tão grande que foi difícil escolher o repertório. Dava pra fazer outro disco e outro show.

Tem preferência por alguma das cinco músicas inéditas que entraram no CD *Gil & Milton*? *Trovoada* tem duas partes diametralmente opostas...

O CD tem cinco inéditas nossas, além das versões de Fito Paez, Beatles e Ary Barroso, entre outras. Quando começamos a trabalhar o Gil disse que gostava das minhas letras. Eu nem sabia disso... aí ele me pediu para que eu escrevesse. Aí fiz *Sebastian*. Ele virou para a Flora (esposa de Gil) e disse: “Olha que letra linda o Milton me trouxe”. Eu virei e falei para ele:

José Roberto Santos Neves

“Agora você se vira para fazer a música (risos)”. O show é emocionante. Tem horas que a gente chora. Dependendo da música que pega a gente, dos músicos e do público, eu fico com lágrimas nos olhos. De repente, um músico dá um acorde diferente e nasce uma improvisação. Em outros lugares sem ser Salvador e Minas, a gente pode mudar o repertório.

Por que o Tropicalismo fez mais barulho do que o Clube da Esquina?

O Clube da Esquina tinha um discurso político, sim. A grande diferença para o Tropicalismo era a relação com a mídia, porque o Clube não tinha a mesma penetração. Mas se você pegar músicas da época verá que a gente falava a mesma coisa que eles, só que de maneira diferente. A gente era muito perseguido pela ditadura, tanto que o pessoal do Tropicalismo teve que sair do país. Aí eu falei: eu não saio do Brasil por nada e também não vou mudar minha música. A censura era tão grande que a gente tinha que ser esperto para enganá-la. No disco *Milagre dos peixes* (1974) só duas músicas do compacto tiveram letra: todas as demais foram censuradas. Acontece que, sem querer, a censura me fez um grande favor: como não podia escrever, comecei a usar a minha voz como instrumento. O *Milagre dos peixes* foi o maior barato, um disco que, mesmo sem letra, e apenas com os meus solfejos, dizia tudo o que a gente queria expressar. E olha que foi um sucesso de vendas.

Você disse que *Paula e Bebeto* é uma das músicas mais importantes de sua carreira. Por quê?

É uma música que canto em todos os shows que faço. Ela resume as coisas que eu quero dizer. O Gil acha que as minhas letras são melhores do que as músicas, mas eu gosto de trabalhar com mais gente. Quando estou fazendo uma música já sei quem vou chamar. No caso de *Paula e Bebeto* escolhi o Caetano. Foi a nossa primeira parceria. É uma música atemporal. Já a cantei tantas vezes e, mesmo assim, ela sempre sai diferente.

Você tem mágoa de alguns setores da imprensa pela invasão de sua vida pessoal, no período em que esteve doente?

Fiquei muito triste com o que fizeram comigo. Avisei a minha família para que não levasse em conta nada do que era falado, pois todo dia ligavam para a casa deles para perguntar se eu tinha morrido. A imprensa colocou médicos que sequer me conheciam para falar exatamente o contrário do que os meus médicos diziam. Mas isso não é de hoje, não. No começo da minha carreira eu estava dentro de um táxi, no Rio, quando ouvi, no rádio, a notícia de que “Milton Nascimento tinha acabado de morrer em um acidente no Túnel Novo”. Na mesma hora parei o táxi e liguei para a minha família. Depois segui o meu caminho - mas sem passar pelo Túnel Novo (risos). Depois de tudo o que aconteceu, acredito que a própria imprensa sentiu o peso da vergonha.

Qual a importância de Elis Regina para a sua carreira?

O contato com a Elis Regina foi a melhor coisa que aconteceu na minha vida. Conheci o Gil na casa da Elis, por volta de 1966. O Gil tinha ido à casa dela uma semana antes e daí nasceu uma cumplicidade entre os dois. Foi o Gil que sugeriu que Elis gravasse *Canção do sal*. A Elis estava sempre à procura de novos compositores para gravar; além de mim, ela lançou o Gil, Edu Lobo, Caetano, Gonzaguinha, Ivan Lins... um monte de gente.

Tem feito participações em discos de artistas novos? Gostaria de indicar algum nome?

Ultimamente gravei participação em três discos: do Christian Oyens, Elder Costa (de Pouso Alegre/MG) e Simone Guimarães (SP). Queira Deus que a minha voz os ajude a fazer sucesso, porque eles são muito bons. Tem tanta gente boa que a gente vai conhecendo em discos independentes que dá vontade de trazer aqui pra casa e morar todo mundo junto. É que nem a época do Clube da Esquina: todo mundo fazia música com todo mundo.

José Roberto Santos Neves

- ✓ *Entrevista publicada no livro "A MPB de Conversa em Conversa" de José Roberto Santos Neves.*

4. PAULINHO DA VIOLA, O LORDE DO SAMBA (06/09/2001, 29/09/2003 E 29/06/2005)

"Não sou do tipo que toca todos os dias ou acorda e logo pega o violão. Mas há uma determinada coisa – eu não sei explicar o que é – que me chama para dentro desse universo e, então, me volto exclusivamente para ele. Alguns chamam isso de inspiração".

Está para nascer um cidadão tão educado e gentil quanto Paulinho da Viola. Dono de fala pausada, elegante no jeito de se vestir e de falar com o público, e sempre atento às palavras, que articula comedida e economicamente, nunca mais do que o necessário, o autor de *Pecado capital* é legítimo herdeiro da nobre tradição do samba de Noel Rosa, Cartola, Nelson Cavaquinho e Zé Kéti.

Talento precoce, cresceu assistindo aos ensaios de mestres como Pixinguinha na casa de seu pai, o violonista César Faria, que tocou com Jacob do Bandolim no conjunto Época de Ouro. Compôs seu primeiro samba em 1962 e, no ano seguinte, já fazia parte da ala de compositores da Portela, sua escola do coração, que homenagearia em 1970 com o maravilhoso sambanredo *Foi um rio que passou em minha vida* (escrito um ano após ele saudar a rival Mangueira em *Sei lá, Mangueira*, em parceria com Hermínio Bello de Carvalho, fato que gerou enorme ciúmeira entre os colegas da agremiação azul-e-branca). Seu primeiro disco solo, autointitulado, foi lançado em 1968. No ano seguinte, foi o vencedor do V Festival da MPB da TV Record com *Sinal fechado*, composição de harmonias intrincadas e distantes do samba tradicional, cuja letra abordava a intranquilidade e a falta de perspectivas da ditadura militar. O resto é história, pincelada através de um rosário de obras-primas que inclui *Dança da solidão*, *Choro negro*, *Argumento*, *Coração leviano*, *Eu canto samba*, *Timoneiro* e tantas outras canções, cada uma mais bela que a outra, que seria necessário um livro inteiro só para abordar a arte de Paulinho da Viola. Para alegria do público capixaba, nos anos 2000 o compositor foi presença assídua nos palcos locais: em setembro de 2001, abrilhantou o espetáculo em homenagem aos 450 anos de Vitória, na Praça do Papa, ao lado de Elton Medeiros, Nei Lopes, João Bosco, Ed Motta e Zé Renato. Em setembro de 2003, voltou à cidade, acompanhado do pai, César Faria, e do filho João Paulo Rabello, como atração principal do *Cordas de Aço – 1º Encontro Nacional de Choro*. Em 2005, enfim, apresentou-se com show solo no Teatro Glória. Nas três ocasiões, foi capa do Caderno Dois.

Em todas as vezes, tive a honra de entrevistá-lo e constatar que Paulinho é, realmente, um lorde em pessoa, e não perde a discrição nem mesmo quando fala sobre temas espinhosos, como a polêmica envolvendo os cachês do réveillon do Rio de Janeiro, em 1995 (quando recebeu um terço do valor de R\$ 100 mil pago a contemporâneos como Gal Costa, Caetano Veloso, Gilberto Gil), e a eterna insatisfação com o andamento dos sambas-enredos atuais, que "descaracterizaram o samba, tiraram a sua síncopa, viraram quase uma marcha". Como as entrevistas se deram antes, durante e depois da produção do documentário *Paulinho da Viola – Meu Tempo é Hoje*, de Izabel Jaguaribe, optei por manter algumas respostas dele

José Roberto Santos Neves

sobre o filme, que avalia a sua relação com o tempo e mostra como administra o ofício de compositor com as horas vagas, divididas entre a marcenaria, o concerto de dois Karmanghias e as rodadas de sinuca com os amigos.

Pode-se afirmar que o choro e o samba são a base de sua obra?

Sim. Eu diria até que o choro vem em primeiro lugar, por causa da minha família. Passei a infância e a adolescência, nos anos 40 e 50, acompanhando as reuniões de chorões promovidas pelo meu pai na nossa casa. Eu carregava o violão dele (risos). Meu pai, César Faria, gravou muito com Roberto Silva, Cyro Monteiro e Aracy de Almeida e fez parte do conjunto Época de Ouro, formado por Jacob do Bandolim. O samba veio um pouquinho depois, quando conheci Cartola e Nelson Cavaquinho e fiz parte da segunda formação do conjunto A Voz do Morro, fundado pelo Zé Kéti. Ficava orgulhoso quando ele me chamava de pupilo.

Recentemente, a EMI relançou dois de seus discos, *Zumbido* e os dois volumes de *Memórias* (um dedicado ao samba e outro ao choro). Para um artista, ter sua obra original reeditada é melhor do que ganhar uma coletânea?

Muito melhor. Estou, inclusive, em entendimentos com essa gravadora para ela fazer uma nova remasterização dos meus discos de catálogo, porque as reedições anteriores já se esgotaram. Fiz 11 discos pela EMI, onde fiquei de 1968 a 1980, três pela Warner e quatro pela BMG, incluindo um em parceria com Toquinho. As coletâneas são abomináveis. Elas descaracterizam o disco. Mas, enfim, as gravadoras têm autorização para fazer isso. Está previsto em contrato.

Desde *Bebadosamba*, de 1996, que você não lança um disco de inéditas. Com a idade o ímpeto para compor diminui?

O meu tempo é esse, mesmo. De 1968 até 1983, eu gravei discos quase todos os anos. A partir de 1983 fui espaçando essa coisa da gravação. Não tem nada a ver com criatividade. Não gravo discos apenas por gravar. Eu não junto 14 músicas para gravar, eu vou fazendo as coisas e por trás daquilo há uma intenção, um sentimento.

Como você se sentiu ao ter sua vida exibida no documentário *Paulinho da Viola, meu tempo é hoje*?

A ideia partiu de uma conversa que tive com o roteirista Zuenir Ventura, a diretora Izabel Jaguaribe e o João Moreira Salles, idealizador do filme. Disse a eles: “Eu não sinto saudade. Tudo para mim está presente, as músicas que foram feitas há 80, 100 anos... é como se tudo isto estivesse vivo em mim. O que está vivo não precisa de saudade”. A partir desse ponto eles decidiram falar sobre a minha ligação com a música popular. A equipe era composta por pessoas muito próximas a mim, então, me senti muito à vontade para fazer as cenas. Só estranhei depois que vi o filme pronto. Você se ver na tela falando de sua vida particular causa

José Roberto Santos Neves

estranhamento e, em alguns momentos, até um certo constrangimento. Mas o filme tem algumas coisas engraçadas.

Durante a exibição do filme, em Brasília, você se encontrou com o ministro da Cultura, Gilberto Gil. Foi a primeira aproximação entre vocês desde o episódio envolvendo os cachês do réveillon do Rio, em 1995?

Depois daquilo eu nunca mais toquei no assunto. Acho que ele (o assunto) está esgotado. Não houve reaproximação nenhuma entre Gil e eu, conforme noticiou parte da imprensa. Como ministro da Cultura, ele foi lá prestigiar a exibição do filme, e nós nos falamos de uma forma civilizada.

É verdade que, proporcionalmente, Vitória é a capital onde você mais vende discos?

Não tenho essa informação precisa. Soube em um relatório da gravadora BMG que São Paulo, Rio e Vitória foram os lugares de maior vendagem do disco *Bebadosamba* (96). O que não deixa de ser um dado curioso, porque não costumo fazer shows na cidade.

Está otimista quanto à Portela e à qualidade dos sambas-enredos produzidos hoje?

As escolas de samba mudaram muito. Hoje é uma outra coisa, totalmente diferente do tempo em que eu participava efetivamente do carnaval do Rio. Mas vou torcer sempre pela Portela, assim como torço pelo Vasco. Não sou saudosista – não sou mesmo – mas existe uma dinâmica nas coisas que nem sempre vai na direção com a qual a gente se identifica. Em função do tempo do desfile, as escolas aceleraram os ritmos da bateria e não gosto disso, acho frenético demais. Uma das coisas mais bonitas do samba é a síncopa e, quando se acelera muito, não sobra espaço para ela, vira quase uma marcha. Com andamento mais cadenciado, é possível criar melodias mais ricas.

- ✓ *Entrevista publicada no livro “A MPB de Conversa em Conversa” de José Roberto Santos Neves.*